

Jogos Cooperativos

Jogos cooperativos e valores humanos: perspectiva de transformação pelo lúdico

Nanci Luz Pimenta Baliulevicius - CREF 0494G/RJ

Universidade Castelo Branco
nanci.pimenta@bol.com.br

Nilza Magalhães Macário

Universidade Castelo Branco
nilzamacario@terra.com.br

BALIULEVICIUS, N.L.P.; MACÁRIO, N.M. Jogos cooperativos e valores humanos: perspectiva de transformação pelo lúdico. *Fitness & Performance Journal*, v. 5, n° 1, p. 48 - 54, 2006.

Resumo - O artigo refere-se à temática dos valores e aborda os jogos cooperativos como princípio sócio-educativo. O objetivo foi investigar a percepção dos docentes sobre desenvolvimento de valores através do lúdico na aula de Educação Física, contribuindo para mudança de pensamento frente à violência. Na metodologia usou-se pesquisa bibliográfica e de campo, cujos instrumentos foram aplicados a professores da Rede Municipal do Rio de Janeiro em exercício no Clube Escolar Mangueira. Para tratar os dados foi usada a análise de conteúdo com base em Bardin (1977). Como conclusão, o estudo mostrou que o brincar possibilita desenvolvimento de valores através de atividades lúdicas, quando há intencionalidade do professor em focar a ética e os princípios cooperativos para minimizar a violência na aula.

(*) O presente trabalho atende às "Normas de Realização de Pesquisa em Seres Humanos", Resolução n° 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, de 10/10/96 (BRASIL, 1996).

Palavras-chave: jogos cooperativos, condutas motoras, valores, ludicidade

Endereço para correspondência:

Rua Rua Barão de Itaipu, 30, apto 408 - Andaraí CEP: 20.541-120 Rio de Janeiro/RJ

Data de Recebimento: Novembro/2005

Data de Aprovação: Dezembro/2005

Copyright© 2006 por Colégio Brasileiro de Atividade Física Saúde e Esporte.

ABSTRACT

Cooperative games and human values: perspective of transformation through ludic way

The article is about human values and discusses the cooperative games as a social and educative principle. Its objective was to investigate teachers' perception about values development through a ludic way, in the classes of Physical Education, which contributes to a change of thoughts concerning violence. As methodology, bibliographical and field research were used, whose instruments were applied to teachers of Rio de Janeiro municipal district, working at Clube Escolar Mangueira. In order to manage data, it was used the analysis of content based in Bardin (1977). As a conclusion, the study showed that the act of playing makes possible the development of values through ludic activities, when there is the intentionality of the teacher to focus ethics and cooperative principles to minimize violence in class.

Keywords: cooperative games, motor behavior, values, ludicity

RESUMEN

Juegos cooperativos y valores humanos: perspectiva de transformación a través de lo lúdico

El artículo se refiere a la temática de los valores y aborda los juegos cooperativos como principio socioeducativo. El objetivo fue investigar la percepción de los docentes sobre el desarrollo de valores a través de lo lúdico en las clases de Educación Física, contribuyendo para cambiar el pensamiento acerca de la violencia. En la metodología se usó investigación bibliográfica y de campo, cuyos instrumentos fueron aplicados a profesores de la Red Municipal de Río de Janeiro en ejercicio en el Club Escolar Mangueira. Para tratar los datos fue usada el análisis de contenido con base en Bardin (1977). Como conclusión, el estudio mostró que jugar posibilita el desarrollo de valores a través de actividades lúdicas, cuando hay intencionalidad del profesor en enfocar la ética y los principios cooperativos para minimizar la violencia en la clase.

Palabras-Clave: juegos cooperativos, conductas motoras, valores, lo lúdico

INTRODUÇÃO

O presente artigo refere-se à temática dos valores desenvolvidos pelo brincar durante as aulas de Educação Física, quando se aborda os Jogos Cooperativos como princípio sócio-educativo pautado nos valores humanos essenciais à espécie humana, e é parte integrante do projeto de dissertação de mestrado da autora.

Nos estudos sobre motricidade humana, a relevância na construção de valores e no aspecto pedagógico está na intencionalidade dos movimentos desenvolvidos pelo brincante.

O enfoque que se pretende traçar, dentro desta problemática axiológica, abrange o motivo do surgimento dos Jogos Cooperativos na contemporaneidade, como resultado do individualismo excessivo e da competitividade exacerbada do mundo atual, e respondem à emergência de transformar a sociedade, tornando-a mais fraterna, mais solidária e igualitária.

O que se observa na sociedade é uma deterioração completa de valores humanos que tem reflexos na escola. O Ser do Homem no mundo globalizado está cada vez mais egoísta e materialista, e a sociedade cada vez mais extremada em classes desiguais de ordem financeira e/ou moral, o que torna o consumo acessível somente para alguns e a violência e a criminalidade um resultado natural.

A injustiça social imposta tem continuidade na escola quando educadores não se preocupam com a formação do aluno como cidadão para a prospecção social, quando os valores que representam são os do poder dominante e não possibilitam a Educação comprometida com a transformação social.

Desta maneira, para transformar o contexto em que se vive – uma sociedade violenta, intolerante, injusta e agressiva – é preciso que se tenha em mente quais pressupostos axiológicos se pretende desenvolver, a serviço de quem e para quê.

Neste sentido, para que se possa pensar ou sonhar, quem sabe, com um mundo melhor e mais justo, um mundo de paz, exige-se que haja uma mudança total do pensamento, que possibilite uma perspectiva de modificação do estado da arte na atualidade.

Para tanto, valores humanos devem ser trabalhados com vista a traçar uma linha norteadora de princípios educativos na escola, com possibilidade de desenvolvê-los através de vivências lúdicas.

A escolha do tema prende-se à vivência de quem atua como professora de Educação Física e que sente necessidade de obter maior clareza e objetividade sobre os valores que norteiam o trabalho com Jogos Cooperativos.

O estudo de natureza axiológica tem a pretensão de esclarecer a respeito das possibilidades que a Educação Física tem de multidimensionar o seu objeto de conhecimento, enquanto área do saber, para além de uma mecanização de condutas motoras, desvinculadas do contexto, para uma intencionalidade na construção de um gesto repleto de significado.

Neste propósito, firma-se como objetivo geral investigar a percepção dos docentes sobre como o desenvolvimento dos valores através do lúdico, nas aulas de Educação Física, contribui para uma mudança de pensamento na Educação frente à violência.

Os objetivos específicos estão voltados para a construção de um referencial teórico sobre a mudança do pensamento na Educação, os Jogos Cooperativos, os valores humanos e a ludicidade; e, também, para a análise das falas dos professores a respeito da proposta dos Jogos Cooperativos e dos Valores Humanos através da ludicidade.

A relevância do estudo está em organizar um referencial teórico que constitua uma fonte de consulta para os profissionais interessados na temática e contribua indiretamente para o desenvolvimento dos Jogos Cooperativos voltados para uma mudança do pensamento sobre o fazer em Educação Física em prol de uma Cultura da Paz.

Por outro lado, a possibilidade de aplicação junto ao corpo docente vem corroborar a preocupação quanto ao olhar do profissional sobre os valores humanos durante as atividades lúdicas no novo paradigma dos Jogos Cooperativos, possibilitando não só avaliar a extensão do entendimento do professor no que diz respeito à profundidade e seriedade da proposta, como também, levá-los a uma reflexão maior sobre sua prática.

A Reformulação do pensamento e a Educação Física

A compreensão da necessidade de uma reforma do pensamento para atingir uma real reforma do ensino passa pelas falas de Edgar Morin (2004), sobre os grandes desafios da contemporaneidade e da educação. A constatação de que o ensino está compartimentado, fragmentado, especializado em disciplinas é uma realidade. Isto se opõe à idéia de que o homem é um Ser total, que entende e soluciona problemas gerais, multidimensionais e planetários, portanto deveria aprender não de forma fracionada, mas inteira. Na verdade " [...] não há partes, em absoluto. Aquilo que denominamos parte é apenas um padrão numa teia inseparável de relações. Portanto, a mudança das partes para o todo também pode ser vista como uma mudança de objetos para relações" (CAPRA, 1996, p. 47).

O grande desafio evidenciado pelo autor é, em outras palavras, segundo Morin (2004, p.20): "a reforma do ensino deve levar à reforma do pensamento, e a reforma do pensamento deve levar à reforma do ensino".

Expondo ainda sobre as finalidades do ensino, Morin (ibid) ressalta que a primeira foi elaborada por Montaigne: "mais vale uma cabeça bem-feita que bem cheia", ou seja, ao invés de um saber acumulado, o importante é dispor de uma aptidão para colocar e tratar os problemas e, ao mesmo tempo, ter princípios organizadores que permitam relacionar os saberes dando-lhes sentido.

Desta maneira, uma educação viável só pode ser uma educação integral do ser humano, deve encorajar e instigar as aptidões naturais - interrogativa, questionadora e crítica, não relativizando a sensibilidade e o corpo ao privilégio do intelecto.

Como o objetivo é propor uma mudança no pensamento, torna-se necessário não mais dicotomizar explicação (objetiva) e compreensão (subjativa), mas torná-los conceitos complementares na busca do entendimento dos fenômenos humanos. Assim, compreender comporta um processo de identificação e de projeção de sujeito a sujeito, sobre a capacidade de experimentar os mesmos sentimentos que o outro e entendê-los. Afirma que a reforma do pensamento é de natureza paradigmática, pois se relaciona à aptidão para organizar o pensamento, permitindo o pleno uso da inteligência, emergindo novas humanidades, que permitirão a regeneração do humanismo e suscitarão a ética da união e solidariedade entre humanos, tendo conseqüências existenciais, éticas e cívicas.

Segundo Martinelli (1996), é necessária uma renovação da compreensão do homem, do mundo e das ciências exatas e humanas para se pôr em prática uma mudança de comportamento social. Para essa transição, a educação tem importância fundamental porque pode trazer uma nova compreensão da natureza humana, do mundo e da própria existência.

Diante dos aspectos abordados, para se entender uma reforma educacional na Educação Física é preciso apontar para um contexto de reflexão sobre a prática, no qual o aluno seja encorajado a entender o movimento do jogo, da brincadeira, ou da dança, não como um movimento segmentado, isolado, mas como parte de uma cultura corporal do movimento humano, relacionado a uma motricidade singular da espécie, que pretende construir uma estrutura de convívio planetária, com possibilidade de mudar do confronto para o convívio.

Então, ao invés de ensinar uma grande variedade de jogos e esportes, suas regras e normas, o ideal seria pensar sobre as regras e entendê-las, agir sobre elas, recriá-las como no previsto para uma educação que favoreça o desenvolvimento da inteligência geral e das aptidões naturais – para a interrogação, o questionamento e a crítica -, criando assim uma "cabeça bem-feita" para a Educação Física.

Além disso, o emprego dos Jogos Cooperativos está diretamente relacionado ao desafio cívico, que aponta para a percepção global, ao senso de responsabilidade, e à solidariedade, aumentando a preservação do elo com os semelhantes e com o planeta.

Jogos Cooperativos

Os Jogos Cooperativos representam uma prática da vida em comunidade. Por isso sua história teve início há milhares de anos, quando membros das comunidades tribais se uniram para celebrar a vida (ORLINK, 1982).

Como relata Fábio Brotto (2001), "alguns povos ancestrais, como os Inuit (Alasca), Aborígenes (Austrália), Tasaday (África), Arapesh (Nova Guiné) e os índios norte americanos, entre outros, ainda praticam a vida cooperativamente através da dança, do jogo e de outros rituais..." (p.47). Percebe-se, então, que os Jogos Cooperativos sempre existiram, pois os povos têm o hábito de manifestar-se através de ritos cooperativos. Porém, atualmente, surgiram da reflexão sobre o quanto a cultura ocidental valoriza excessivamente o individualismo e a competição exacerbada.

Princípios Sócio-Educativos da Cooperação

A filosofia da cooperação busca desenvolver no praticante algumas percepções diferentes das que ele está acostumado a lidar no dia-a-dia. Brotto (1999), em seu relato ao Livro de Boas Memórias, sobre o I Festival de Jogos Cooperativos, comenta que os programas na escola, na comunidade e nas organizações incluem "a realização de Jogos Cooperativos, preservando e nutrindo seus princípios originais, entre eles: Participação, Inclusão, Diversão e Cooperação".

Estes princípios são essenciais na prática cooperativa, pois permitem uma real transformação do jogo em caráter competitivo, para uma possibilidade de integração fortemente marcada pelo interesse de jogar junto ao outro, para vencer um desafio, e

não contra o outro. Os princípios sócio-educativos vêm da dinâmica de ensino-aprendizagem estabelecida na Pedagogia Cooperativa através da Ensinagem Cooperativa, que se baseia em três dimensões interdependentes.

A primeira, Convivência, propõe como requisito fundamental uma vivência compartilhada; a segunda, a Consciência, representa o clima de cumplicidade criado entre os participantes, que permite refletir, modificar comportamentos, relacionamentos e o próprio jogo para uma melhor participação de todos. E, finalmente, a Transcendência, cuja essência é ajudar na disposição para o diálogo, a decisão em consenso, a experimentação de mudanças propostas para as transformações desejadas. Isso permite a formação da Consciência da Cooperação, que permite uma eterna renovação do olhar sobre o outro.

A ética cooperativa está baseada não só em boas intenções, mas também nas boas ações presentes no cotidiano da vida social.

As vias possíveis e abertas para o implemento da Ética Cooperativa se compõem de: Contato, Respeito Mútuo, Confiança, Liberdade, Recreação, Diálogo, Paciência, Entusiasmo e Continuidade.

Valores Humanos e Educação

Para esta questão concernente à axiologia é importante estabelecer uma conceituação sobre valor. Beresford (2000), citando Johaness Hessen, conceitua “que valor é tudo aquilo que for apropriado a satisfazer determinadas necessidades humanas” (p. 65), e complementa, afirmando que só ocorre em função do sujeito dotado de certa consciência, com finalidade de suprir carências, limitações ou privações, porque valor é sempre valor para alguém. Os valores, de acordo com Miguel Reale (1994), são relacionados diretamente ao mundo da cultura, são reflexos da experiência humana através da história.

Os tempos críticos, violentos e cheios de desespero que estamos vivendo são conseqüência do fato de grande parte da humanidade ter esquecido seus valores, considerado-os ultrapassados e desinteressantes; esquecemos de nosso papel na criação, que é trazer inovações essenciais para a sobrevivência através dos valores. Os valores são a reserva moral e espiritual de reconhecimento da condição humana; assim, entende-se que: a mudança dos conceitos de poder e felicidade surgiu do desorientado desenvolvimento econômico e tecnológico, que vem negligenciando o ser humano em prol da aquisição das coisas materiais, da fama e do poder econômico.

Isto induz ao medo, ao desamor e ao engano, que têm qualificado nossos relacionamentos emotivos com os nossos semelhantes e com o mundo, em um caminho que conduz à dor, e que deteriora a qualidade de vida no planeta. Por outro lado, percebemos que sem o exercício dos valores intrínsecos ao ser humano, continuamos por ressaltar a inversão da escala de valores e persistimos em gerar tensões sócio-econômicas, o que leva a perplexidade e individualismo.

Chega-se então a “constatação de que a felicidade é uma conquista da alma e, portanto independe de circunstâncias ou satisfação de desejos” (MARTINELLI, 1996, p. 16).

Desta forma, o amor fraterno e o conhecimento compartilhado nos ajudam a redefinir o que é poder, pois já não o entendem por uma questão de dominação, isto transforma as relações de poder, que se modificam à medida que os valores criam novos significados e maneiras de viver.

Para que haja progresso, não apenas o econômico, mas uma prosperidade humana, é urgente que aceitemos o desafio de resgatar os valores humanos para, assim, promover a transformação da sociedade, que se mostrará menos preconceituosa e injusta e buscará um mundo de iguais.

Valores Absolutos e Valores Relativos

De acordo com os estudos de Martinelli (1996), os valores absolutos são cinco, a saber: verdade, relacionada ao aspecto intelectual; ação correta, ligada ao aspecto físico; amor, aspecto psíquico; paz, relacionada ao aspecto mental; e não-violência, aspecto espiritual.

A autora segue os preceitos do educador Sathya Sai Baba, líder espiritual indiano, que criou o Programa de Educação em Valores Humanos, implantando-o em sua aldeia natal. Este programa não defende nenhuma religião, seita ou filosofia, tem caráter universalista, humanista e espiritual. “A conscientização e a prática de valores humanos devem propiciar a fraternidade humana e a formação de uma sociedade planetária” (MARTINELLI, 1999, p. 23).

São valores humanos porque são inerentes à condição humana. O que se entende é que todos eles são inter-relacionados e os valores não ocorrem sozinhos, de forma estanque, são intervenientes uns nos outros, ou seja, fazem parte da totalidade do Ser.

Assim, entende-se que a verdade absoluta é eterna e imutável, o que varia é a nossa capacidade de percebê-la e vivenciá-la. A ação correta prevê que o aspecto físico é o veículo da ação que permite a manifestação concreta da consciência. O amor é a força de criação, coesão e sustentação da vida. O amor é a energia de unidade e transformação.

A paz é a base da felicidade humana, a harmonia entre os níveis racional, emocional, intelectual e espiritual que nos aproxima da alma. O valor absoluto, não-violência, compreende todos os demais valores. É a meta da consciência, a perfeição humana.

Em decorrência, para cada valor absoluto espiritual correspondem valores relativos que, ao serem exercitados, aprimoram a personalidade e fortalecem o caráter. Estes valores são inter-relacionados sendo desenvolvidos paralelamente, sempre presentes de forma a interligar os valores essenciais à espécie humana.

Os Valores e a Motricidade Humana

Seguindo a reforma geral do pensamento de Edgar Morin, Manuel Sérgio (2005) afirma que o sujeito é uma unidade múltipla, enquanto o Ser é o Absoluto que se persegue e nunca se alcança. Assim, o ser humano só o é enquanto ato de superação ou de criação, sem ato, é uma alienação, porque a Verdade não é o Ser, a Verdade é o que o existente faz da sua existência.

A motricidade humana integra o físico ao corpo em ação, dando relevo ao que a motricidade produz, superando a dicotomia

entre a compreensão e a explicação. Desta maneira, não é pensando que somos, mas é sendo que pensamos. O que nos leva a uma ordem nova, caracterizada por um nível superior de organização e aspirações. Assim, o autor define a Ciência da Motricidade Humana, partindo da premissa do ser global, como sendo a ciência da compreensão e da explicação do movimento intencional da transcendência.

Ao quebrar o paradigma clássico do educador e do técnico de saúde, que é o homogeneizador do discente ou do doente, o que se pretende é desenvolver os comportamentos não esperados pelo poder dominante, que são: pensar o novo, investigar o diferente, aprender a aprender.

Percebe-se claramente que os valores pretendidos pela Motricidade Humana são os de uma educação voltada para o desenvolvimento do Ser do Homem, cuja preocupação é o caminho para a transcendência, quando todos tiverem as mesmas possibilidades e viverem de maneira digna o seu potencial corporal para o prazer, para a esperança, para o sonho de viver por inteiro.

A ludicidade no desenvolvimento de valores

De acordo Manuel Sérgio (1994), que fundamenta a epistemologia da Motricidade Humana, a ludomotricidade é o comportamento motor típico das atividades lúdicas. Assim, o jogo não é visto como uma fase, mas é encarado como uma dimensão da própria vida, gerando a cultura, a arte, o desporto, numa perspectiva de improdutividade, liberdade e festa.

A origem da palavra lúdico, em latim ludus, etimologicamente quer dizer jogo. Com a evolução semântica, devido aos estudos realizados, passou-se a entendê-la como uma extrapolação do jogo, como uma necessidade básica da personalidade, caracterizada como uma atividade espontânea, funcional e satisfatória.

Marcelino (1999) aponta o lúdico como um componente da cultura (entendida em sentido mais amplo) historicamente situada. Assim, as ações espontâneas, vividas no cotidiano, são os elementos norteadores para se traçar caminhos que escrevam uma cultura de vivência lúdica. O contexto em que vive o sujeito pode ser exposto ou questionado pelas vivências livres, espontâneas, gratuitas e descontraídas experimentadas pela criança. Como expressão que estabelece conexões com a realidade e com as condições da existência humana, a vivência lúdica não ocorre de forma isolada no tempo e no espaço, ela reflete os entendimentos e conflitos da pessoa na situação construída.

Como ressalta Bustamante (2004), as manifestações lúdicas são caracterizadas por momentos de prazer, alegria e diversão propiciados pelas festas, pelos jogos, pelas brincadeiras e pelas danças, e também por inúmeras e inesperadas possibilidades de expressão cultural.

Destaca-se nesta oportunidade o esporte educacional, também como um importante elemento de expressão de cultura corporal na escola. Refletindo sobre as possibilidades e implicações dessa manifestação humana, nota-se que o lúdico pode ser então reconhecido como expressão cultural permeada de significados, quando inserida nas práticas escolares.

A ludicidade é vivenciada por crianças através do jogo, e a intencionalidade própria da criança em realizar esta ação caracteriza a liberdade do lúdico enquanto parte da vida, por isso não deve ficar restrita a uma atividade determinada. Segundo Schwartz (2004), a atitude lúdica pode ser compreendida pela disposição para modificar, inserir e propor situações que são constituídas sob a égide da permissividade, do prazer, da confiança, da necessidade de segurança e quando é possível fantasiar e imaginar. O lúdico transcende as necessidades imediatas, possuindo uma realidade autônoma, fazendo parte integrante da vida geral, é um processo de construção inacabado, uma recriação que depende da sua própria execução. Feijó (1998) aponta que é possível dizer que o movimento é lúdico quando ele é espontaneamente positivo e construtivo, dentro do contexto abrangente do bem-estar humano.

A atividade lúdica pode ser concebida como prática das relações sociais, podendo se manifestar no jogo, no brinquedo ou na brincadeira. O objeto lúdico transcende o caráter de objeto como alguma coisa reconhecida pela razão, o sentido não consta no real, mas no sentimento imaginário de cada um, podendo, às vezes, assumir um caráter de complementaridade, onde o inteligível e o sensível misturem-se no mesmo campo de existência.

O lúdico é vital para a criança, porém a sociedade atual, racionaliza o tempo para o lúdico em função das obrigações diárias, numa preparação para a vida futura economicamente estável, esquecendo-se de que este tempo é impensável sem a concretude do presente. Corpo pensado, que, em nome de um futuro de glórias, deixa de viver as paixões, deixa de sentir o prazer do tempo presente.

Aliado a isso, as novas formas de moradia em apartamentos, a falta de segurança nas ruas, as inúmeras tarefas escolares, a industrialização do brinquedo, com imposição dos meios e formas de brincar, tudo isso contribui para que o tempo dedicado ao lúdico, enquanto meio de produção cultural da criança, seja diminuído.

Assim, a Educação Física toma maior importância como educação corporal, por ser um momento de privilégio para o movimento coberto de alegria, prazeroso, durante o qual as expressões espontâneas sejam respeitadas e valorizadas, como componentes de uma participação ativa na sociedade.

O lúdico assume, então, a responsabilidade de ser o mecanismo de expressão fundamental da cultura da criança. Essa alternativa pedagógica, a utilização do lúdico nas aulas de Educação Física, desde que sua função não seja necessariamente o aprendizado de algo simplesmente utilitarista, ou ainda somente como descanso ou passatempo, pode e deve ser empregada, porque vai ao encontro das necessidades da criança em idade escolar.

METODOLOGIA

A metodologia empregada neste estudo utilizou uma pesquisa bibliográfica para fundamentar o estudo dos Jogos Cooperativos.

tivos, da ludicidade e dos valores, tanto na sua conceituação como na sua aplicação na educação e na ética cooperativa. Este constructo epistemológico deu suporte também à pesquisa de campo dentro da dimensão humana e possibilitou uma reflexão acerca dos valores na realidade contextual, que faz parte de um atributo cultural, pois agrega a parte pedagógica da dimensão sócio-histórica.

Sabendo-se das carências a serem atenuadas (violência, agressividade, baixa auto-estima, competitividade exacerbada) foi planejada (1) uma oficina de dinâmica vivencial e (2) aplicação de um questionário misto, com o objetivo de conhecer o pensamento dos professores a respeito do desenvolvimento de valores através do lúdico nas aulas de Educação Física e sua contribuição para uma mudança de pensamento na Educação frente à violência.

Foram selecionados como sujeitos da pesquisa, 14 professores da Rede Municipal do Rio de Janeiro, em exercício no Clube Escolar Mangueira.

A seleção dos sujeitos foi proposital (TURATO, 2003), considerando o funcionamento de oficinas extracurriculares no horário diferente do escolar; a pesquisadora faz parte do corpo docente e participa de centro de estudos semanal, em que se debate sobre a práxis pedagógica daquele ambiente escolar.

1. Oficina de Dinâmica Vivencial

Após uma explanação sobre o programa de educação em valores humanos, segundo Martinelli (1996 e 1999), foi realizada a oficina. Foram utilizados os jogos cooperativos sem perdedores, de resultado coletivo, de inversão e semicooperativos. Assim, a dinâmica da aula transcorreu em clima de grande descontração, seguindo as atividades:

- Atividade de Socialização

Com a música Dia de Branco, de Geraldo Azevedo, desejou-se boas vindas aos participantes e foi explicado como se desenrolaria a vivência do dia.

Fazendo a movimentação para trocar de sala, a música Camaleão foi cantada com os participantes formando um "trem", parando na formação de caracol, quando puderam cumprimentar os companheiros, com música incidental de fundo.

- Jogos Cooperativos

Iniciou-se com atividades do tipo sem perdedores: "Você me ama?"; "Macaco, girafa e elefante"; "Eu entrei no jardim"; "Círculo do bambolê"; "Túnel circular com música" e "Andando de ônibus: já, acidente, trânsito".

A dinâmica "Encontro dos grandes amigos!" ocorreu, primeiramente, com a atividade de divisão em trios: 1, 2, 3, 4 repete e com movimento; em seguida, com a divisão em quartetos: "Pirulito que bate-bate"; "Soco, soco, bate-bate"; "Quarteto Maluco" e "Fazendinha" (resultado coletivo); e, por último, atividades de divisão em dois grupos: "Jogo Zoneado" (jogo de inversão) e "Futpar" (semi-cooperativo).

A atividade final foi uma dança circular em pares: "Dança Italiana".

2. Aplicação do Questionário

O questionário foi constituído por uma questão aberta sobre a percepção da sociedade atual e questões semi-abertas sobre valores, aulas de Educação Física, ludicidade e jogos cooperativos. Enfeixando, como última questão, avaliação da oficina, críticas e sugestões.

Foi solicitado, na entrega dos formulários, que os professores respondessem individualmente, sem dialogar com os colegas, evitando troca de opiniões e possibilitando juízo de valor.

Para tratamento dos dados foi utilizada a análise de conteúdo com base em Bardin (1977), que é definida como um conjunto de técnicas de análise de comunicações, visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e recepção destas mensagens. Assim, foram estabelecidos critérios para classificar as respostas obtidas pelos professores no questionário.

RESULTADOS

Para a primeira pergunta, houve unanimidade entre os professores sobre a percepção da sociedade atual, descrevendo-a numa perspectiva negativa, onde as expressões "violenta", "injusta", "individualista", "egoísta" e "sem valores" tiveram maior número de ocorrências.

Na segunda questão, se a educação em valores pode oferecer uma significativa parcela de contribuição para a transformação social, 86% dos professores responderam sim. Como justificativa, na visão de 33% o valor é necessário, fundamental e alicerce para o desenvolvimento humano; para outros 33%, representa a possibilidade de transformação social, revertendo o quadro negativo que externaram. Um respondente se auto-interrogou sobre a pergunta e outra redundou na explicação da escola atual. Somente um respondente assinalou não, sem justificativa, e outro - depende dos valores, justificando pela parcialidade dos valores de acordo com o grupo social.

À pergunta sobre a possibilidade de desenvolver valores através das aulas de Educação Física, 100% dos professores responderam que sim. Nas respostas, os valores mais sinalizados foram: "respeito", "solidariedade", "cooperação", "integração", "companheirismo" e "sociabilização". Houve também a preocupação com o resgate dos valores e a possibilidade de tê-los pela construção de regras coletivas e discussão das questões que ocorrem em aula. Um professor discursou sobre a dificuldade de fazer este trabalho.

Na pergunta relativa ao brincar como facilitador do desenvolvimento de valores essenciais à espécie humana, 94% dos professores responderam afirmativamente e justificaram sua posição. No entanto, um professor respondeu negativamente, por acreditar que, se o brincar não for bem orientado, prevalecerá o egoísmo.

As justificativas para a questão 7 foram bastante variadas. Alguns mencionaram "o trabalho e o aprendizado de valores", outros "o caráter de preparação", "imitação para a vida", também foi mencionado "a busca pelo prazer e o foco individual

de sermos verdadeiros, solidários e respeitadores de regras". Foi dito que "o brincar estimula o desenvolvimento e possibilita o bom humor".

Foi unânime a resposta "sim" para a questão 8, sobre a aplicação dos Jogos Cooperativos nas aulas de Educação Física.

Os valores percebidos pelos professores durante a atividade prática realizada foram agrupados dentro dos cinco valores absolutos, segundo Martinelli (1996). A não-violência obteve seis menções; a ação-correta, cinco. O amor obteve três citações; a paz, duas e a verdade, apenas uma citação.

Algumas pessoas acharam que todas as atividades desenvolvem valores humanos. As atividades mais citadas foram: "Time zoneado", "Dança italiana" e "Eu entrei no jardim".

Na avaliação da oficina (questão 10), as opiniões versaram sobre o caráter positivo da atividade, com destaque para as atividades de socialização e para a ministrante da oficina. Houve críticas sobre o espaço utilizado e a comunicação do professor. Três pessoas levantaram a possibilidade de utilização das atividades em outros locais e áreas de conhecimento.

DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

Como preconizado pela literatura atual, foi possível construir um paralelo entre os temas abordados, a saber: jogos cooperativos, valores humanos, motricidade humana e ludicidade, que serviram de suporte epistemológico à proposta de aplicação prática.

De acordo com o que foi expresso pelos professores no que tange à vivência prática desse fenômeno, a concordância também foi evidente, pois há uma convergência sobre a percepção dos professores da presença de valores nas atividades apresentadas através dos Jogos Cooperativos.

A análise das observações e dos resultados dos questionários permitiu concluir que a intencionalidade do ministrante na ênfase da importância dos valores ali propiciados e a construção de um ambiente agradável e de confiança mútua, com estímulo à participação dos indivíduos de forma prazerosa, dentro de suas possibilidades, são fatores que interferem no resultado favorável a não-violência durante a atividade.

Um aspecto importante foi o grande número de indicações sobre o ambiente da aula, que transcorreu agradavelmente, com humor, diversão e alegria, onde o prazer em realizar atividades físicas era constante. Evidencia-se, então, que a ludicidade, como fator preponderante que ocorreu na prática, mostrou que o brincar é um fator determinante para o desenvolvimento de valores no contexto educacional.

A credibilidade do docente sobre como a Educação Física pode contribuir para a formação de uma cultura de paz também foi evidenciada de maneira unânime, o que permite entender que este tipo de proposta é viável para uma mudança de pensamento na área educacional. Porém, por serem teorias recentes, ainda há dificuldade de colocar em prática este tipo de trabalho.

Essa nova possibilidade de trabalhar os jogos pelo prazer da prática, ao invés da preocupação com a vitória, merece destaque, nesta conclusão, por ser uma saída para a Educação Física, se esta pretende ter um perfil menos voltado para o sucesso de poucos talentosos e mais ligado à participação inclusiva do aluno na atividade física. Dessa forma, o participante não se expõe a situações de fracasso; ao contrário, ele participa do contexto escolar, contribuindo para o mesmo, de acordo com seus limites e virtudes.

A conclusão a que este estudo chega sobre o pensamento dos professores, é que o brincar possibilita o desenvolvimento dos valores através do lúdico durante as aulas de Educação Física. Assim, contribui para uma mudança de pensamento na Educação frente à violência, desde que exista intencionalidade do professor em focar a ética e os princípios cooperativos na proposição de atividades lúdicas durante a aula de Educação Física.

BIBLIOGRAFIA

- BADEIA, M. Ética e Profissionais da Saúde. São Paulo: Santos, 1999.
- BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70: 1977.
- BERESFORD, H. Valor: saiba o que é. Rio de Janeiro: Shape, 2000.
- BROTTO, F. O. Jogos cooperativos: o jogo e o esporte como um exercício de convivência. Santos, SP: Projeto Cooperação, 2001.
- _____. O (im)possível mundo onde todos podem viver. Festival de Jogos Cooperativos, Livro de Boas Memórias. Taubaté, 1999.
- BROWN, G. Os jogos cooperativos: teoria e prática. Festival de Jogos Cooperativos, Livro de Boas Memórias. Taubaté, 1999.
- BUSTAMANTE, G. O. Por uma vivência escolar lúdica. In SCHWARTZ, G. M. (org). Dinâmica lúdica: novos olhares. Barueri, São Paulo: Manole, 2004.
- CAPRA, F. A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. Trad. Newton Roberval Eicheberg. São Paulo: Cultrix, 1996.
- CARVALHO, N. Criança, escola e ludicidade: alguns aspectos que permeiam e dificultam esta relação. In Coletânea do IX ENAREL – org: WERNECK, C et al. Belo Horizonte: UFMG/EEF/CELAR, 1997.
- CUNHA, M. S. V. e. Para um novo paradigma do saber e... do ser. Coimbra: Ariadne editora, 2005.
- _____. Para uma epistemologia da motricidade humana. 2ª ed. Lisboa: Compendium, 1994.
- FEIJÓ, O. G. Psicologia para o esporte: corpo e movimento. 2ª ed. Rio de Janeiro: Shape Ed., 1998.
- FREIRE, J. B. Dimensões do corpo e da alma. In DANTAS, E (org). Pensando o corpo e o movimento. Rio de Janeiro: Shape, 1994.
- MARCELLINO, N. C. Lúdico e lazer. In: _____. (org.). Lúdico, educação e educação física. Ijuí: Unijuí, 1999.
- MARTINELLI, M. Aulas de transformação: o programa de educação em valores humanos. São Paulo: Peirópolis, 1996.
- _____. Conversando sobre educação em valores humanos. São Paulo: Peirópolis, 1999.
- MORIN, E. A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução de Eloá Jacobina. 9ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- ORLICK, T. Vencendo a competição. São Paulo: Circulo do Livro, 1989.
- PAES, R. R. Pedagogia do esporte: um jogo possível para todos. Festival de Jogos Cooperativos, Livro de Boas Memórias. Taubaté, 1999.
- SANTIN, S. Educação física: uma abordagem filosófica da corporeidade. Rio Grande do Sul: UNIJUI, 1987.
- SCHWARTZ, G. M. Atitude e conduta lúdicas: a emoção em jogo. In _____. (org). Dinâmica lúdica: novos olhares. Barueri, SP: Manole, 2004.
- VELÁSQUEZ CALLADO, C. Educação para a paz: promovendo valores humanos na escola através da educação física e dos jogos cooperativos. Trad. Maria R. B. de Veiga. Santos, SP: Projeto Cooperação, 2004.
- WALLON, H. Psicologia e educação da infância. Trad. Ana Rabaça. Lisboa: Estampa, 1975.